

DIVINDADE, GOVERNANTE OU GUERREIRO?

O PERSONAGEM KUKULCÁN NAS CRÔNICAS DO SÉCULO XVI E O REGISTRO ARQUEOLÓGICO DE CHICHÉN ITZÁ, MÉXICO

ALEXANDRE GUIDA NAVARRO Professor do Departamento de História da Universidade Federal do Maranhão (DEHIS/UFMA)

RESUMO As crônicas escritas pelos missionários espanhóis no século XVI são um conjunto documental etnográfico acerca das comunidades maias que viviam na Península do Iucatã quando do período do contato. Por outro lado, por associação etnológica, muitos costumes indígenas relatados na época da Conquista foram utilizados para explicar o cotidiano maia de períodos anteriores, como o Clássico (300-900 d.C.), sobretudo os aspectos religiosos, muitos dos quais, teriam sobrevivido à época da chegada dos conquistadores. Um exemplo é o personagem Kukulcán, que aparece em várias crônicas, como o relato do bispo Diego de Landa em sua célebre obra *Relación de las cosas de Yucatán* (1566). É objetivo desta comunicação, explicar como este personagem aparece nas crônicas do século XVI e contrastar as informações com o registro arqueológico de Chichén Itzá, cidade maia que teve seu auge no Clássico Terminal (800-1050 d.C.). Apesar de já estar completamente despovoada no século XVI, a cidade em questão serviu como fonte para as descrições de Landa em sua obra, baseando-se, sobretudo, nos relatos orais dos indígenas iucatecos. Busca-se, num plano mais amplo, discutir a utilização das fontes documentais escritas e as arqueológicas como metodologia para o estudo da civilização maia. Neste contexto, as informações referentes a Kukulcán, são coincidentes ou discrepantes quando comparamos os dois tipos de fonte?

PALAVRAS-CHAVE Arqueologia maia, arqueologia histórica, iconografia, cultura material, crônicas coloniais

1. O PERSONAGEM KUKULCÁN NAS FONTES ESCRITAS

Kukulcán é um personagem que aparece, com certa frequência, em várias crônicas do período colonial mexicano. A etimologia da palavra revela que *kuk* é “pluma de ave geral” e *can*, “serpente, cobra” (Dicionário maia Cordemex, p. 420, 1980). Portanto, este personagem está associado à serpente emplumada, um importante símbolo religioso pré-hispânico, que, na versão religiosa do altiplano recebeu o nome de Quetzalcóatl.

Qual o seu significado segundo as crônicas? Nestes documentos, uma das associações de Kukulcán refere-se aos assuntos governamentais, e sua relação com a cultura material apareceu pela primeira vez na importante obra do primeiro bispo de Iucatán, frei Diego de Landa, intitulada *Relaciones de las Cosas de Yucatán*, quem em 1566 escreveu que “... é opinião que entre os itzaes que povoaram Chicheniza, reinou um grande senhor chamado Cuculcan, e que mostra ser isso verdade que o edifício principal se chama Cuculcan...” (Landa, 2003, p. 94). Fica evidente, deste modo, que na obra de Landa, Kukulcán é um soberano maia.

Por outro lado, outros cronistas, como Diego López de Cogolludo (1688) e Bernardo de Lizana (1633) registraram

a existência histórica de Kukulcán como um personagem associado à guerra na península do Iucatã. Cogolludo (1688) documenta que “... [os itzás de Chichén Itzá] veneravam um ídolo que havia sido grande capitão [guerreiro] entre eles, chamando-o de Kukulcan ou serpente emplumada...” (López de Cogolludo, 1971 I, p. 352).

Já nas *Relaciones Histórico-Geográficas de la Gobernación de Yucatán* (1984a) [1560], o nome de Kukulcán aparece citado seis vezes, todas elas apontando o personagem como o introdutor da idolatria no Iucatã. A *Relación de Motul* (1984, p. 269-270) narra que:

“No que toca às adorações tinham conhecimentos de um Deus que criou o céu e a terra e todas as coisas... ao qual tinham edificado templo com sacerdotes, que levavam presentes e esmolas para que eles os oferecessem a Deus, e esta maneira de adoração tiveram até que veio de fora desta terra um grande senhor com gente chamado Kukulcan, e daqui começaram os da terra idolatrar”.

Deste modo, podemos considerar que Kukulcán aparece associado a três situações nas crônicas: governante, guerreiro e divindade. Levando em consideração que a maioria dos relatos orais coletados pelos cronistas dizia respeito à memória histórica da cidade

- de Chichén Itzá, levantamos dois questionamentos:
1. O personagem Kukulcán também aparece no registro arqueológico de Chichén Itzá?
 2. Se sim, em que contextos materiais e iconográficos?

2. CHICHÉN ITZÁ E KUKULCÁN

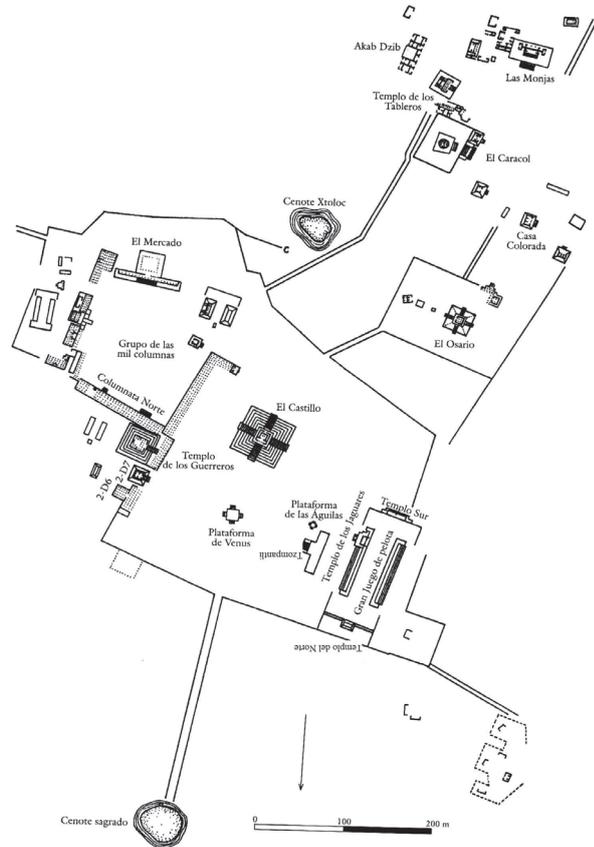
Chichén Itzá foi centro hegemônico que conquistou militarmente grande parte da Península do Iucatã, foi produtor e distribuidor exclusivo de sal em toda Mesoamérica, controlou grande parte das rotas marítimas maias através da construção de portos, além de ter sido uma cidade responsável por tributar várias cidades maias, além de outras no altiplano mexicano. O seu principal conjunto de edifícios chama-se Grande Niveação, uma grande área de construção arquitetônica localizada ao norte da cidade (Cobos, 2003; Sharer, 2003; Navarro, 2007) (fig. 1).

Embora a escrita de Chichén Itzá não faça alusão direta ao personagem Kukulcán, por analogia etnológica e iconográfica, é possível perceber que este indivíduo foi representado em alguns edifícios da Grande Niveação (Krochock, 1988, 1989). Levando em consideração a iconografia com temas associados ao poder real na área maia, além de sua associação com a serpente emplumada, o principal componente simbólico de Kukulcán, alguns

pesquisadores têm postulado que este personagem foi plasmado na memória coletiva de Chichén Itzá (Cobos, 2003; Navarro, 2007; Navarro e Funari, 2009).

Em trabalho de campo realizado neste sítio arqueológico, considero que Kukulcán aparece, nitidamente, em três edifícios da Grande Niveação. Um personagem com traços guerreiros está representado na Pirâmide El Castillo, sendo que atrás dele aparece uma serpente com plumas longas e barba (figs. 2 e 3). Esta representação possui algumas peculiaridades que nos fazem inferir a importância deste personagem: está registrada no

Baudiez, 2004, p. 246



1. Plano da Grande Niveação de Chichén Itzá com os principais edifícios.

Alexandre Guida Navarro



2. Pirâmide Kukulcán.

Taube, 1992, p. 72



3. Kukulcán representado no dintel do santuário do Castillo.

espaço mais exclusivo da pirâmide perto de duas colunas em forma de serpente emplumada que sustentam esta câmara. Além disso, as escadarias norte do edifício foram edificadas à maneira de grandes serpentes emplumadas, cujo efeito ótico que se dá nos equinócios de primavera e outono faz o espectador contemplar uma sombra em forma de corpo de serpente que se projeta em um dos costados do edifício.

Já no Templo Norte, há três representações de um personagem associado à serpente emplumada (figs. 4 e 5). As imagens dão conta de cenas que retratam um personagem que está sofrendo o processo de entronização. Este indivíduo leva uma serpente emplumada atrás de si. É provável que se trate, portanto, de Kukulcán sendo entronizado; o Templo Norte pôde ter isso o local deste processo ritualístico.

Por fim, no Templo Superior dos Jagueiros, Kukulcán possivelmente é o destaque na iconografia. Os murais

do edifício estão profusamente decorados e existem várias imagens de serpentes emplumadas. O destaque das cenas são as aparições de Kukulcán junto com um personagem associado a um Disco Solar, que, na literatura é conhecido como Kakupacal, outro governante da cidade de Chichén Itzá. Parece que estes dois indivíduos estão fazendo negociações de poder ou estão em rituais que passagem de poder de um soberano para o sucessor (Navarro e Funari, 2009). Além disso, há que ressaltar que colunas em forma de serpente emplumada também aparecem no vestibulo do edifício (figs. 6 e 7).

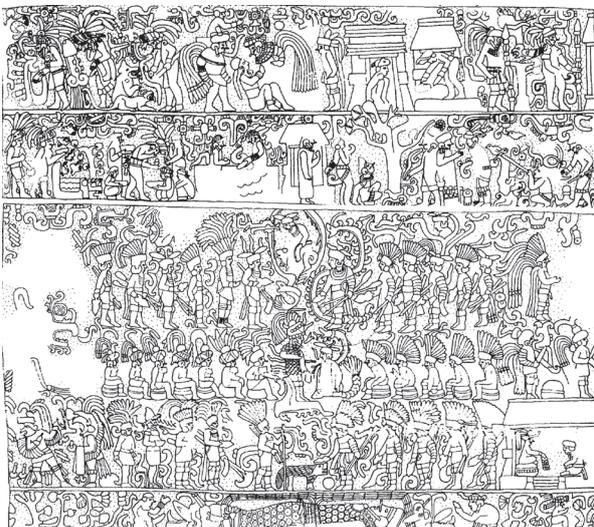
Além da iconografia, existem algumas evidências arqueológicas que nos levam a inferir que estes personagens que aparecem associados com as serpentes emplumadas fazem alusão direta a Kukulcán. Há que considerar a distribuição espacial dos edifícios onde a imagem está representada: são espaços destinados à elite, são fechados, com acesso exclusivo, e têm alto status social já que são profusamente decorados. Além disso, estão associados a espaços sagrados, como é a

Alexandre Guida Navarro



4. Templo do Norte.

Ringle, 2004, p. 172



5. Kukulcán sendo entronizado.

Coggins e Shane III, 1989, p. 160



6. Kukulcán representado no Templo Superior dos Jaguares.

Alexandre Guida Navarro



7. As colunas em forma de serpente emplumada do Templo Superior dos Jaguares.

quadra do jogo de bola que se localiza em suas proximidades. Ou seja, são espaços destinados à atividade administrativa e rituais em Chichén Itzá.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste sentido, podemos identificar os principais contextos em que Kukulcán está associado: no Castillo é representado como governante e guerreiro, no Templo Norte como governante e no Templo Superior dos Jaguares como guerreiro e governante. Retomando a discussão das crônicas coloniais, estas informações coincidem com as informações escritas, sobretudo àquelas associadas com o personagem e sua função de soberano. Curiosamente, uma das principais associações de Kukulcán nas crônicas, a de divindade, aparentemente, não está representado na iconografia de Chichén Itzá, já que elementos da imagética associados ao mundo celeste e inferno pouco acompanham as imagens do personagem e seus contextos não são muito nítidos. Este é um dado intrigante, já que a serpente emplumada é um dos principais símbolos religiosos tanto na área maia como em toda a Mesoamérica (Piña Chán, 1977,

1980; De La Garza, 1984b; López Austin e López Luján, 1999).

Por outro lado, outros edifícios da Grande Nivelção apresentam iconografia de serpentes emplumadas, mas não estão associadas a um personagem humano. Além disso, alguns destes edifícios possuem colunas em forma de serpente emplumada, como é o caso do Templo dos Guerreiros (fig. 8). Neste caso específico, um exemplar da espécie *Crotalus cerastes* foi plasmado na arquitetura. Vale ressaltar que esta espécie não é endêmica do Iucatã, sendo seu habitat natural o sudoeste dos Estados Unidos, local este de onde provinha a turquesa utilizada pelos maias como símbolo de poder político. Neste sentido, uma questão que nos inquieta pode ser levantada: mesmo não havendo uma representação antropomorfa, estaria a serpente emplumada representando Kukulcán?

Para concluir, a relação existente entre as fontes escritas e as arqueológicas, com relação a Kukulcán, é tanto coincidente como divergente. Coincide em seus aspectos políticos, diverge nos religiosos. De toda forma, apesar de estarem bastante esgotadas, e apresentarem traços anacrônicos, as fontes coloniais são uma importante ferramenta metodológica para o entendimento da cultura maia. Por outro lado, questões mais específicas acerca de Kukulcán poderão ser respondidas somente pelo estudo da cultura material.



8. As colunas em forma de serpentes emplumadas com chifres localizadas no Templo dos Guerreiros.

3. AGRADECIMENTOS

Agradeço aos organizadores do Congresso Internacional de Arqueologia Moderna, especialmente aos colegas Prof. Dr. Andre Teixeira (CHAM) e Patrícia Carvalho (CHAM).

BIBLIOGRAFIA

BAUDEZ, C. (2004) – *Una historia de la religión de los antiguos mayas*, UNAM, México.

COBOS, R. (2003) – *The Settlement Patterns of Chichen Itza, Yucatan, Mexico*. Ph.D. disertación. Department of Anthropology, Tulane University.

DE LA GARZA, M. (1984a) – *Relaciones histórico-geográficas de la Gobernación de Yucatán*. México: Universidad Nacional Autónoma de México.

DE LA GARZA, M. (1984b) – *El universo sagrado de la serpiente entre los mayas*. México: UNAM.

DICCIONARIO MAYA CORDEMEX. (1980) – A. Barrera Vázquez (director). Mérida: Ediciones Cordemex.

KROCHOCK, R. (1988) – *The Hieroglyphic Inscriptions and Iconography of Temple of the Four Lintels and Related Monuments, Chichén Itzá, Yucatán, México*. Austin: Texas University.

KROCHOCK, R. (1989) – *Hieroglyphic Inscriptions at Chichen Itza, Yucatán, Mexico: The Temples of the Inicial Series, the One Lintel, the Three Lintels, and the Four Lintels*. Research Reports on Ancient Maya Writing 23. Center for Maya Research, Washington D.C.

LANDA, D. de. (2003) – *Relación de las Cosas de Yucatán*. México: CONACULTA.

LÓPEZ AUSTIN, A. e LÓPEZ LUJÁN, L. (1999) – *Mito y realidad de Zuyúá. Serpiente emplumada y las transformaciones mesoamericanas del Clásico al Posclásico*. México: FCE.

LÓPEZ COGOLLUDO, D. (1971 [1688]) – *Los tres siglos de la dominación española en Yucatán, o sea Historia de esta provincia*, 2 vols. Austria: Akademische Druck u. Verlagsanstalt, Graz.

NAVARRO, A. G. (2007) – *Las serpientes emplumadas de Chichén Itzá: distribución en los espacios arquitectónicos e imaginaria*. Tesis de Doctorado. UNAM, México.

NAVARRO, A. G. e FUNARI, P. P. (2009) – Un estudio de caso de la Arqueología Histórica: organización espacial y memoria colectiva en Chichén Itzá, p. 163-186. Arqueología Colonial Latinoamericana. Modelos de estudio (Juan G. Targa e Patricia Fournier orgs.). Oxford: BAR.

Página de internet www.ontdekkingsreis.org.jpg

PIÑA CHÁN, R. (1977) – *Quetzalcóatl. Serpiente Emplumada*. México: FCE.

PIÑA CHÁN, R. (1980) – *Chichén Itzá. La ciudad de los brujos del agua*. México: FCE.

RINGLE, W. M. (2004) – On the Political Organization of Chichen Itza. *Ancient Mesoamerica* 15, p. 167-218. Cambridge: Cambridge University Press.

RINGLE, W.; GALLARETA NEGRÓN, T. e BEY III, G. (1998) – The Return of Quetzalcoatl. Evidence for the Spread of a World Religion during the Epiclassic Period. *Ancient Mesoamerica* 9, p. 183-232. Cambridge: Cambridge University Press.

SHARER, R. (2003) – *La civilización maya*. México: FCE.

TAUBE, K. (1992) – *The Major Gods of Ancient Yucatan*. Washington D.C.: Dumbarton Oaks Research Library and Collection.